



As Representações no “Circuito das Notícias”: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra no Jornal Zero Hora¹

Vilso Junior Chierentin SANTI²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Márcia Franz AMARAL³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

Estudar a representação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) e de suas ações no jornal Zero Hora (ZH), tendo como panorama o “Circuito das Notícias” e suas distintas fases, é aqui nosso objetivo central. Para tanto procuramos mapear o movimento das representações e suas transformações ao longo da cadeia *produção, texto e leitura* sem esquecer de suas intersecções e interrelações nos diferentes momentos. O estudo propõe uma aproximação analítica entre o “Circuito da Cultura” de Johnson (1999) e o que qualificamos como o “Circuito das Notícias” – uma tentativa de abordagem integral e integradora, que reivindica uma visão global sobre os processos jornalísticos sustentada na ideia de integração entre *produção, texto e leituras*. Tal aproximação parte das contribuições teórico-metodológicas dos Estudos Culturais Britânicos e busca entender e/ou explicar a dinâmica da cultura, dos produtos culturais, e suas intersecções com o jornalismo, principalmente no que se refere às representações.

Palavras-chave

Jornalismo impresso; Circuito das notícias; Representações; MST; Zero Hora.

Introdução

O artigo trata em sua essência da aproximação teórico-metodológica entre o “Circuito da Cultura” proposto por Johnson (1999), a fim de integrar os diversos estudos realizados seguindo os marcos dos Estudos Culturais Britânicos, e o que convencionamos chamar de “Circuito das Notícias” na ótica dos estudos de comunicação e/ou do jornalismo. Tal aproximação busca uma abordagem integral/ integradora dos fenômenos comunicacionais e se assenta tanto na necessidade quanto na possibilidade de integração ente os universos da *produção, dos textos e das leituras* que marcam a globalidade complexa e multifacetada do processo comunicativo.

Objetivando estudar o tipo de representação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) e de suas ações no jornal Zero Hora (ZH), bem como mapear ao longo do “Circuito das Notícias” o movimento dessas representações, junto com os seus sentidos

1 Trabalho submetido ao GP Jornalismo Impresso do IX Encontro dos Grupos/ Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2009.

Dissertação. Apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Área de Concentração: Comunicação Midiática. Linha de Pesquisa: Mídia e Identidades Contemporâneas. Defesa em: 03/03/2009.

2 Autor. Atualmente é acadêmico de Pós-Graduação, em nível de Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Bolsista CAPES/ PROSUP. E-mail: vjrsanti@yahoo.com.br

3 Professora Orientadora. Atualmente é docente do Mestrado em Comunicação Midiática, da Graduação em Jornalismo e tutora do PET Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: marciafranz.amaral@gmail.com



mobilizados ao enunciar a “questão agrária”, nos detemos em clarear como se dá e em que base se assenta tal “movimento representacional” nos diferentes momentos do “Circuito” noticioso. Para tanto, selecionamos como corpus de trabalho os acontecimentos e/ou os fatos relacionados ao MST noticiados pelo jornal Zero Hora no período de 12/04/2008 a 21/05/2008. Tais fatos estão todos vinculados à “Jornada Nacional de Lutas”, promovida anualmente pelo MST – o “Abril Vermelho” como prefere designar o próprio ZH, e referem-se diretamente à repercussão e às ações de entrada e saída do Movimento na Estância do Céu – área de 13 mil hectares de propriedade de Alfredo Southall, localizada no município de São Gabriel, na região central do Rio Grande do Sul.

Na materialização do estudo optamos por operar num ambiente teórico-metodológico híbrido, movediço e formalmente não acabado, mas que buscou nos Estudos Culturais Britânicos; no “Circuito da Cultura” de Johnson (1999); no modelo de “Codificação e Decodificação” de Hall (2003) e no “Protocolo Analítico de Integração entre Produção e Recepção” (Escosteguy, 2007) seus pontos formais de apoio e sustentação para o desenvolvimento da abordagem. Contribuições como as de Orlandi (1988; 2001), Romão (2002), Berger (2003), Jacks, Machado & Muller (2004), Soares (2007) e Strelow (2007) também foram essenciais em nosso percurso.

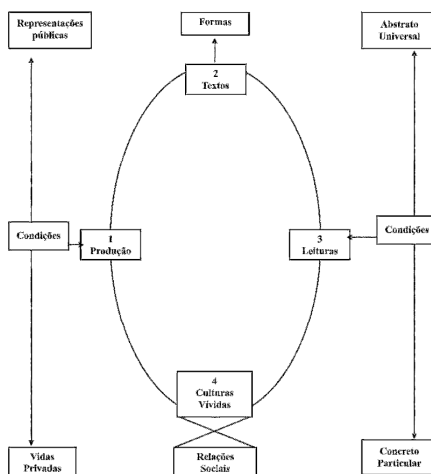
Operamos, portanto, com uma visão das práticas socioculturais como um “Circuito” e emprestamos especial atenção as suas ausências e/ou fragmentações. Procuramos conjugar o estudo da *produção*, dos *textos* e das *leituras* numa mesma mirada seguindo uma abordagem menos vertical, mas, mais horizontal e panorâmica, a qual, por conta da sua riqueza e complexidade, não julgamos nem deficiente nem deficitária.

Do “Circuito da Cultura” ao “Circuito das Notícias”

Falar do ponto de vista dos Estudos Culturais é, para García Canclini (1995), falar a partir de intersecções e/ou discorrer acerca de uma tradição intelectual e política e das conexões entre cultura, história e sociedade (JOHNSON, 1999). Já o “Circuito da Cultura”, conforme Johnson (1999) e Hall (2003), trata-se de um modelo de análise estratificado e não acabado ver *Figura 1*. Ele baseia-se nos diferentes momentos dos processos culturais e deriva da *leitura* que Marx faz do “Circuito de Capital” e suas metamorfoses. O “Circuito das Notícias”, por sua vez, sinaliza a possibilidade de um estudo integrador entre *produção*, *textos* e *leituras* além de permitir pensar cada momento do processo comunicativo a luz dos outros. Nele, o jornalismo pode ser visto como uma prática sociocultural e as notícias como um

produto da cultura que, junto com as representações que carregam, podem ser transformadas em seu uso.

Figura 1 – Diagrama da produção, circulação e consumo dos produtos culturais (JOHNSON, 1999, p.35).



No diagrama, as diferentes instâncias são tomadas como determinantes na circulação das representações dos valores simbólicos e estes últimos como os regentes do processo de significação tão caro à comunicação. As representações, segundo Soares (2007), são por definição as geradoras da experiência humana. Para os Estudos Culturais, conforme Hall (2003), representar é atribuir sentido, classificar e/ou lutar pela imposição de significados, e a representação pode ser vista como uma prática social que produz cultura. Nessa lógica, as representações midiáticas podem ser tomadas como representações visuais ou encenações que possuem caráter construído e, ao mesmo tempo em que são modos de exposição que naturalizam certos vieses, elas instauram padrões normais e modelos que influenciam as percepções sobre as coisas do mundo. Porém, como lembra Schmeil (1999), somos influenciados por um sistema de representações que ultrapassa o contexto presente.

Nesse sentido, ao resgarmos a historicidade da “questão agrária” no Brasil, podemos mencionar uma “estrutura tendencial dominante de interpretação” (HALL, 2003) e/ou numa “matriz representacional hegemônica” da problemática (ROMÃO, 2002). Essa matriz de imediato demonstra a perspectiva de enunciação da “questão agrária” e clareia quais os sentidos hegemônicos são historicamente mobilizados em torno da luta pela terra no País. Em relação ao MST, conforme o trabalho de Romão (2002), tais sentidos dão conta de uma imagem de “baderneiro ilegal” onde a formação discursiva dominante está vinculada ao “direito sagrado à propriedade”. Tal conjunto hegemônico de representações acaba por imprimir um movimento de sentido orquestrado, apagando as razões sociais que faz os



excluídos se mobilizarem, além de controlar ao longo do tempo a circulação de dizeres através do congelamento de um sentido oficial e/ou oficialesco.

Ter presente a matriz de representação hegemônica da “questão agrária”, bem como o próprio conceito de representação junto com as considerações teórico-metodológicas até aqui apresentadas nos permite olhar para os diferentes momentos do “Circuito das Notícias” a fim de operacionalizar a estratégia de investigação que propomos. Ela pressupõe a análise integrada da *produção*, dos *textos* e das *leituras* a luz dos estudos de comunicação, mais especificamente de jornalismo, perseguindo um olhar global sobre os produtos jornalísticos através de um arranjo híbrido que permite o emprego de diferentes técnicas de análise vinculadas a cada uma das diferentes etapas.

A análise do “Circuito das Notícias” compreende conjuntamente a análise da *produção*; a análise dos *textos*; e a análise das *leituras* junto com seus reflexos nas culturas vividas e nas relações sociais, percurso realizado pela pesquisa que aqui descrevemos. No entanto, para fins de sistematização no presente trabalho, propomos a análise em separado das diferentes etapas, a partir do momento da *produção*, já que é nesse instante que as mensagens jornalísticas são discursivamente constituídas.

Da *produção* e da publicação das notícias

Na análise do momento da *produção*, trabalhamos com os jornalistas vinculados ao jornal do Diário de Santa Maria, responsáveis diretos pela cobertura dos acontecimentos em torno da Estância do Céu e porta de entrada dos fatos na rede de jornais do Grupo RBS (Rede Brasil Sul) da qual o jornal Zero Hora⁴ é a célula mãe. O Grupo RBS é maior complexo multimídia do Sul do Brasil e o jornal Zero Hora, conforme Felippi (2006), o periódico de referência no Rio Grande do Sul.

A *produção* na lógica do “Circuito das Notícias” é um processo social e histórico e, segundo Hall (2003), o lugar onde se “constrói” a mensagem, por isso a análise pode se iniciar aí. Nela, podemos abarcar as distintas narrativas associadas à construção dos produtos noticiosos e culturais. Nesse momento, prestar atenção ao lugar da *produção* dos acontecimentos e não somente o lugar da *produção* das notícias parece-nos fundamental, pois, conforme Johnson (1999), não podemos estar perpetuamente discutindo as condições sem nunca discutir os atos produtivos.

4 O jornal foi fundado em 04/05/1964, possui formato tablóide, com aproximadamente 50 páginas divididas em cadernos e conforme as editorias tradicionais: Opinião, Política, Economia, Mundo, Geral e Esportes.



Nessa fase tratamos, portanto, da construção da notícia e do produto jornalístico em si, e também da organização das formas culturais e das representações nas notícias depois veiculadas. Procuramos observar as rotinas de *produção* e sua relação com as culturas vívidas dos profissionais envolvidos, assim como os elementos concretos da *produção* e da organização da própria instituição produtora.

Como ferramentas para análise do momento da *produção* no “Circuito das Notícias” utilizamos a observação das rotinas produtivas; os recursos técnicos da pesquisa participante; e as entrevistas individuais com jornalistas diretamente envolvidos na cobertura dos fatos noticiados no período elencado. Optamos por atuar no calor dos acontecimentos acompanhando todos os procedimentos desenvolvidos desde a chegada da pauta à redação até a publicação da notícia nas páginas do jornal Zero Hora.

Os resultados desse trabalho dão conta da relevante experiência profissional dos envolvidos na cobertura – mínimo de três e máximo de 15 anos de mercado. Todos, ao mesmo tempo em que desconsideraram as experiências profissionais anteriores, apontaram a necessidade de uma verdadeira “re-formação” profissional ocorrida dentro do Grupo RBS, necessária à conversão de estudantes de jornalismo em profissionais da imprensa. Em contraponto, as informações coletadas em relação ao que chamamos de “experiência social”, mostram que nenhum dos profissionais teve ou tem participação ativa em organizações sociais. A maioria deles por falta de oportunidade, de tempo e até mesmo desinteresse. Isso talvez explique primeiro a estranheza de alguns jornalistas em relação às mobilizações do MST, e depois a própria curiosidade relacionada a estas ações – todos os repórteres entrevistados expressaram a seus editores a disponibilidade em cobrir os acontecimentos.

Quando falam de sua prática profissional, em geral, os profissionais observados e depois entrevistados invocam valores tradicionais como isenção ou tentativa de isenção no seu fazer jornalístico cotidiano. “Nossa obrigação é colocar o fato na roda”, diz a Jornalista 1. “Botar as vozes falando cada uma a sua versão e deixar o leitor tirar as suas próprias conclusões”, aponta o Jornalista 2. “Ouvir as partes envolvidas e usar o bom senso” (Jornalista 3) e “[...] buscar o que atinge o maior número de leitores”, considera o Jornalista 4.

No jornal Zero Hora, conforme os profissionais entrevistados, o MST e/ou suas ações são notícia/ noticiados por diversos motivos: pelo potencial conflitivo da “questão agrária”; pela tensão que envolve a disputa; pelo Movimento ter grandes proporções em nível nacional; por defender uma bandeira histórica; porque suas ações estão localizadas na área de cobertura do veículo; e também porque os leitores gostam desse tipo de pauta. Porém, segundo a Jornalista 1, “quando o MST se mexe ele é pauta com certeza, quando ele não se mexe a gente



pensa”. Ela pondera ainda que o Movimento vai ser sempre notícia porque os concorrentes sempre cobrem. O Jornalista 2, nesse sentido, considera que “o MST usa a mídia para fazer notícia para se promover e promover a questão dele”. O Movimento é um “fato grande” e como “fato grande” merece ser noticiado, já que suas ações afetam um grande número de pessoas e também “os efeitos colaterais das ações do MST mexem com a vida de todo mundo”, diz a Jornalista 5. Porém, ela lembra ainda que isso depende muito do dia do jornal e da pauta que o jornal tem para cobrir naquele dia.

Questionados sobre o enquadramento dado pelo jornal às notícias relacionadas à “questão agrária” e ao MST, os profissionais concordam unanimemente que a pauta seja tratada pela editoria de Geral. Segundo eles, na lógica organizativa do periódico o MST não cabe noutro lugar. “A Geral é uma grande cozinha. Tudo que não tem perfil específico vai para a Geral”, diz a Jornalista 1. “Não se tem outra opção de enquadramento. Faz parte do cotidiano que é a cara da Geral”, pondera o Jornalista 2. Para a Jornalista 3 a Geral é um grande caldeirão, por isso o MST deve ser apresentado nela. “Qual seria o outro espaço?”, pergunta-se. “Sempre foi assim. É uma convenção histórica”, completa o Jornalista 4. Porém a Jornalista 5 faz questão de lembrar: “[...] a geral é o coração da redação”.

No detalhamento do processo de manufatura das notícias relacionadas à “questão agrária” podemos claramente identificar, a partir dos dados coletados a existência e/ou a ocorrência de três níveis de fluxos produtivos. Cabe ressaltar, no entanto, que tais níveis de fluxo são complementares e ao mesmo tempo indispensáveis para o entendimento do processo produtivo das notícias sobre o MST no jornal ZH.

No primeiro deles temos os “fluxos produtivos externos”, ou seja, aqueles atos que acontecem fora do ambiente da redação e estão relacionados intimamente com as ferramentas utilizadas pelo jornalista na apuração dos fatos no local onde eles ocorrem. No recorte utilizado nessa pesquisa, sinteticamente esse nível poder ser caracterizado, a partir do relato da Jornalista 1, pelos seguintes elementos: cobertura conjunta com os demais veículos do Grupo RBS (TV + jornal); uso pronunciado de contatos por telefone principalmente devido às barreiras policiais que impediam o acesso direto ao local dos acontecimentos; reclame do jornal Zero Hora para envio de material a ser aproveitado tanto na edição on-line quanto na impressa; pressão do deadline para o retorno à redação; conversa com editor de Geral sobre a construção ideal de *texto*; mais apuração por telefone e internet; e finalmente a composição do *texto* da notícia a ser veiculada.

No segundo nível temos os “fluxos produtivos internos”, ou seja, aqueles que ocorrem no interior do ambiente redacional. Estes estão vinculados tanto aos processos de construção e



produção da pauta, papel nesse caso compartilhado pelos diversos editores do periódico; quanto aos processos de construção e *produção* textual, tarefa do jornalista escalado para cobertura. Baseados nos dados coletados na pesquisa e nos relatos dos Jornalistas 1 e 2 podemos assim caracterizá-lo: o repórter consulta seu editor; depois constroi seu *texto*; repassa-o novamente ao seu editor que, por sua vez, remete-o depois das suas observações ao editor chefe. O editor chefe revisa e envia o material com suas sugestões de volta ao editor que sugere ao repórter as devidas correções. Só depois de efetuados esses ajustes e do editor dar seu parecer final é que o *texto* vai para a diagramação da página e depois disso para impressão e futura distribuição.

No terceiro nível dos fluxos produtivos do jornal Zero Hora temos a “*produção em rede*” que está assentada basicamente sobre um sistema eletrônico chamado *Note*. O *Note* pode ser caracterizado como uma ferramenta híbrida que incorpora características específicas do correio eletrônico (E-mail) e do sistema instantâneo de troca de mensagens (MSN). Através dele os jornalistas e os jornais do Grupo RBS compartilham previamente as suas pautas; recebem os pedidos de material sobre pautas específicas; e trocam informações preliminares sobre os acontecimentos que serão aproveitados basicamente nas edições on-line dos veículos. No *Note* o repórter, após compor seu *texto*, deve arquivá-lo numa pasta chamada “Editoria 2”, essa pasta está acessível ao seu editor que reedita o material e transfere-o para “Editoria 5”. Ao disponibilizar o *texto* na “Editoria 5”, o editor torna o material acessível à equipe de arte e diagramação e ao mesmo tempo à todos os jornais do Grupo RBS.

Indagados sobre os constrangimentos vinculados a sua prática profissional e /ou relacionados aos procedimentos produtivos, os jornalistas entrevistados também afirmam em uníssono que nos veículos do Grupo RBS existe plena liberdade de *produção*, que tais constrangimentos não existem e que as orientações a todos os profissionais apenas têm caráter técnico ou jurídico, são públicas e estão contidas no manual de ética, redação e estilo do jornal. Em relação aos supostos leitores do jornal, em especial aos leitores das matérias que tratam da “questão agrária”, ao contrário, parece não haver consenso. Esses variam “da minha mãe” (Jornalista 2) aos “representantes dos seguimentos envolvidos” (Jornalista 1). Do “eu mesmo” (Jornalista 3) aos “biótipos estatísticos” (Jornalista 5). Dos “jornalistas do grupo” (Jornalista 4) às “pessoas de uma forma geral” (Jornalista 1). Do “leitor médio” (Jornalista 3) àquele que “não sabe de nada” (Jornalista 2).

Essa dissonância acaba desfeita, no entanto, quando tratamos das representações tomadas pelos profissionais entrevistados para falar do MST e de suas ações. A Jornalista 1, por exemplo, movimenta sentidos muito próximos daqueles da matriz representacional



hegemônica da “questão agrária” que historicamente é desfavorável ao MST e aos Sem-terra. Diz ela: “[...] então é assim: tudo bem, querem reivindicar, reivindicuem, mas também não sejam baderneiros a fim de justificar as críticas”. Para o Jornalista 2, “[...] no MST tem muita gente que precisa, mas tem gente que se aproveita da organização para fins escusos”. Ele, embora parta de sentidos tensionados em relação à matriz, acaba por se filiar a ela também de modo favorável.

“O Movimento é bem assessorado, ninguém é ingênuo nem santo no MST, ele é o reflexo do mundo que nós vivemos”, diz a Jornalista 3 que mais uma vez movimentava sentidos favoráveis à matriz hegemônica de representação. O Jornalista 4, no entanto, no seu dizer e fazer movimentava sentidos nitidamente tensionados em relação à matriz hegemônica de representação ao apontar que “[...] o MST é um grupo organizado, que tem representatividade e muitos integrantes. Eles também fazem parte da sociedade que a gente quer contemplar para o leitor”.

Porém, fica claro que de forma geral, mesmo partindo de sentidos por vezes tensionados, os profissionais vinculados ao Grupo RBS se filiam à matriz hegemônica de representação num sentido predominantemente favorável. Eles não conseguem libertar o seu dizer da noção de ilegalidade que historicamente envolve os questionamentos em torno da posse da terra. Por vezes até movimentam dizeres diferentes, mas todos eles parecem da mesma forma derivados da matriz de representação hegemônica da “questão agrária” que historicamente desfavorece os Sem-terra e o MST. Isso, sem dúvidas, se reflete na construção textual das matérias conforme abordamos na seqüência da análise do “Circuito das Notícias”.

Do texto e seu descentramento

O estudo das representações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) no momento *texto* do “Circuito das Notícias” leva em conta as 18 edições do jornal Zero Hora (ZH), entre os números 15.569 e 15.605, que reproduziram as matérias referentes à cobertura das ações do Movimento acerca da Estância do Céu no período compreendido entre 12/04/2008 e 21/05/2008. Nessa etapa da pesquisa buscamos elucidar as formas como ZH representa o MST em suas páginas, além de traçar um mapa de sentidos que o veículo faz circular sobre o Movimento, relacionando-os posteriormente à matriz de representacional hegemônica da “questão agrária”. Procuramos, ainda, garimpar as marcas textuais que ajudam a entender como as representações se tornam efetivas tanto nas práticas dos jornalistas quanto na vida dos leitores.



O *texto*, conforme Orlandi (1988), é o lugar, o centro comum de encontro entre autor e leitor, porém, descentrar o *texto*, ou seja, estudá-lo através das formas culturais que ele efetiva e torna disponível parece-nos fundamental na lógica do “Circuito das Notícias”, já que esse contato se dá também em outras instâncias, fora do *texto* e dentro de determinado contexto (JOHNSON, 1999). No trabalho com o *texto* utilizamos como ferramenta primordial os preceitos da Análise do Discurso (AD) que leva em conta o homem na sua história, que procura entender como um *texto* significa prestando especial atenção ao movimento de instauração de sentidos.

Nessa linha, como para Orlandi (2001), tomamos o discurso como o efeito de sentido entre locutores e como fornecedor de representações da realidade baseadas em ideias preconcebidas. Formações Imaginárias (FIs) como projeções que permitem passar de situações empíricas para posições dos sujeitos no discurso. Formações Discursivas (FDs) como aquelas que autorizam o que deve e o que não deve ser dito em determinada configuração sócio-histórica formando uma região de sentidos. E, Sequências Discursivas (SDs) como o trecho do *texto* que suporta a formação discursiva, arbitrariamente recortado para análise.

Partimos, desse modo, através dos recursos da AD, da materialidade do discurso presente no *texto* das notícias com a finalidade de identificar as FDs, relacionando-as com as FIs, para chegar às representações predominantes nos enunciados. Depois, pela aproximação e/ou distanciamento com um sentido principal hegemônico buscamos categorizar tais representações como favoráveis, desfavoráveis ou tensionadas aos moldes de Jacks, Machado & Muller (2004). Para tanto, primeiro identificamos no *texto* as SDs, apontamos o sentido nuclear de cada uma e agrupamos as SDs, em cada *texto*, conforme o seu sentido nuclear. Depois, evidenciamos a que FD elas pertenciam e relacionamo-las (FDs) à Formação Imaginária (FI) e/ou à matriz de representação hegemônica da “questão agrária”. Por último, categorizamos as Sequências como favoráveis, desfavoráveis ou tensionadas em relação a essa matriz. “No método de análise fazemos o caminho inverso do discurso: partimos do *texto* para o que lhe é exterior”, esclarece Benetti (2007).

Na manipulação analítica do material selecionado no corpus da pesquisa e também com base nos dados coletados no estudo do momento *produção* no “Circuito das Notícias” fica evidente que o jornal ZH trata a pauta MST na editoria de Geral, longe do universo do Rural, no qual o Movimento tanto luta para se inserir. O veículo classifica invariavelmente os acontecimentos envolvendo o MST com a cartola “questão agrária” vinculando-a de maneira reducionista exclusivamente às questões do Movimento. Para o ZH, “questão agrária” é



diferente da “questão agrícola” e, portanto, não tem relação com o mundo rural do seu caderno especial Campo & Lavoura.

Porém, no jornal Zero Hora, a “questão agrária” não é uma questão menor. Somente em 2008 encontramos referência ao MST em 221 *textos* publicados pelo jornal, o que representa uma média de 18,42 referências textuais/ mês. Ou seja, no mínimo, uma vez a cada dois dias a publicação tratou do MST em suas páginas. Nesse período as ações do Movimento foram destacadas como manchete na capa ou contracapa do jornal em 28 oportunidades e o veículo se utilizou de aproximadamente 70 mil palavras e 400 mil caracteres para discursivizar a problemática MST. Já, no período compreendido entre 12/04/2008 e 21/05/2008, selecionado para o estudo exploratório, encontramos ao todo 24 *textos* que tematizavam a “questão agrária”, o MST e/ou suas ações. Estes distribuídos, conforme a *Tabela 1*, entre as seções que vão desde a “Capa” e as “Reportagens Especiais”, passando pela “Palavra do Leitor” e pelos “Editoriais”, mas se concentrando fundamentalmente na editoria “Geral”.

Tabela 1 – Matérias referentes ao MST publicadas em ZH de 12/04 a 21/05/2008

Seção/ Editoria	Número de referências textuais
Capa	04
Palavra do Leitor	07
Reportagens especiais	03
Editoriais	02
Geral	08
Total	24

Os resultados dão conta que o jornal Zero Hora retrata o MST predominantemente de modo desfavorável, ou seja, de modo favorável à matriz representacional hegemônica. Nas notícias e/ou nos *textos* do jornal o discurso sobre os Sem-terra e o MST deriva de valores históricos e culturais e parece continuamente alimentar o sentido de rivalidade e divergência em relação à posse da terra. Nos *textos* das notícias de ZH se recompõe o sentido de “invasores” enfatizando uma espécie de violência simbólica que converte os Sem-terra em perigosos antagonistas.

Dessa forma, é inegável que o jornalismo de ZH oferece um grande marco segundo o qual devemos ler os fatos relacionados à “questão agrária” e que o seu discurso contribui para reafirmar e reforçar, mas não reconstruir, a matriz representacional hegemônica da “questão agrária”. Ele traz consigo ideias preconcebidas que circulam num sentido comum e que junto com o ideal de objetividade lhes confere um status de verdade. Nesse sentido, fica claro que o



discurso jornalístico de ZH organiza algumas direções de *leitura*, fazendo circular alguns sentidos e desviando outros. Como se dão essas *leituras*, junto aos próprios agricultores Sem-terra vinculados ao MST, é o que procuramos verificar no momento seguinte do “Circuito das Notícias”.

Da *leitura* como ato de *produção*

Na lógica do “Circuito das Notícias” a *leitura* não pode ser tomada como um momento isolado do processo comunicacional, já que ela integra a dinâmica do “Circuito”. *Leitura* nessa ótica não é simplesmente assimilação, mas, conforme Johnson (1999), ela própria é um ato de *produção*. Mapeamos as representações movimentadas pelos Sem-terra, na posição de leitores, quando a pauta do jornal Zero Hora (ZH) é o próprio Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST), com a finalidade de relacionar tais *leituras* à matriz representacional hegemônica que historicamente envolve a “questão agrária” categorizando-as como *leituras* de oposição, preferenciais e/ou negociadas (HALL, 2003).

É importante observar dessa forma que as *leituras* são também interdiscursivas, pois nenhuma forma subjetiva atua por conta própria e que, devido a essa particularidade, as formas de transformações culturais sempre acontecem nas *leituras*. A recepção/ *leitura* diz respeito, portanto, a uma atividade, um tipo de prática na qual o indivíduo percebe e trabalha o material simbólico que recebe (THOMPSON, 2005). Se na *produção* ocorre a fixação do conteúdo simbólico, na *leitura* o processo, mesmo que complementar, é inverso, por isso no “Circuito das Notícias” é importante atentar às práticas sociais de recepção entendidas como espaço de *produção* de sentido.

É na *leitura* então que os *textos* em circulação adquirem valor social e efetividade simbólica. Nela, segundo Escosteguy (2007), é possível identificar algumas “posições-tipo” de decodificação que são posições hipotéticas a partir das quais as decodificações de um discurso e as representações que ele movimenta podem ser tomadas. Essas “posições-tipo” podem, conforme Hall (2003), ser classificadas em: “hegemônicas ou dominantes”, onde o leitor opera dentro do que foi proposto pelo produtor; “código negociado” no qual o leitor reconhece as definições hegemônicas, mas se permite adaptá-las; e “código de oposição” segundo o qual o leitor se posiciona de modo contrário ao produtor. Tais posições de decodificação também atuam quando tomamos para análise as *leituras* efetuadas pelos trabalhadores Sem-terra integrantes do MST.

O Movimento surgiu no Brasil em meio aos conturbados processos sociais do início dos anos 1980, mais especificamente em 1984 com a realização do primeiro “Encontro



Nacional dos Sem-terra”. O MST nos seus 25 anos de existência sempre se pautou na luta pela terra e pela ocupação de espaços ociosos, sejam eles físicos ou simbólicos, e, segundo Berger (2003), hoje mais do que nunca necessita projetar-se para existir, pois “se a questão da terra não é notícia, os modos de reivindicá-la podem vir a ser”.

Como ferramenta de trabalho na análise desta fase do “Circuito das Notícias” utilizamos o grupo focal, uma entrevista coletiva que busca identificar tendências. Entrevistamos coletivamente dez agricultores vinculados ao MST, os quais foram protagonistas das ações reportadas por ZH entre os dias 12/04/2008 e 21/05/2008. Todos eles são, portanto, leitores interessados e integravam no momento do trabalho o chamado “Acampamento em Luta de São Gabriel/ RS”.

As reuniões com o grupo focal foram realizadas entre os dias 21/05/2008 e 23/05/2008 e os *textos* das notícias publicadas pelo jornal Zero Hora no período selecionado foram retomados como substrato para as discussões. Informações complementares relacionadas às rotinas de *leitura* também foram utilizadas na composição de um diário de campo simplificado posteriormente empregado nas análises. O trabalho de campo com o grupo focal envolveu três momentos distintos: o primeiro deles esteve relacionado ao relato da história de vida dos integrantes do grupo engajados na pesquisa; o segundo no detalhamento da relação com a mídia antes e depois do ingresso no MST; e o terceiro vinculado ao mapeamento e classificação das representações movimentadas pelos Sem-terra no ato da *leitura*.

Na história de vida dos participantes a marca registrada é a diversidade de perfis. Todos porém, de algum modo, passaram por situações limite e experimentaram de alguma forma o processo de exclusão social até ingressar nas fileiras do MST. Entrar para o Movimento na maioria dos casos não foi uma escolha política, antes representou a chance de renascimento, de um novo começo na vida. “Minha família trabalhava na agricultura e acabou quebrando [...] por conselho dos amigos vim acampar”, conta a Sem-terra 4. “Entrei para a Brigada Militar sonhando com dias melhores em plena ditadura [...] o MST significa tentar garantir uma vida melhor para meus filhos”, diz o Sem-terra 7. Já a Sem-terra 9 relata que reorganizou sua vida e seus estudos para ingressar no Movimento: “Estou no acampamento, no MST primeiro pela militância e depois para contribuir na luta pela terra”.

A mídia e/ou o jornalismo são definidos pelos Sem-terra do grupo focal como a principal responsável pela formatação de uma representação errônea do Movimento. Uma representação configurada basicamente de “fora para dentro” do MST e muito distinta da auto-representação do MST construída de “dentro para fora”. A mídia é vista tanto como “uma ameaça” quanto como “uma ferramenta necessária”, porém o sentido mais forte que



parece transpassar as contribuições é o da mídia/ jornalismo como instrumentos de manipulação.

“O jornalismo não presta para nada. A mídia representa uma grande ameaça, pois ela prefere correr atrás de troféus a mostrar a verdade”, enfatiza o Sem-terra 2. “A mídia é uma ferramenta muito necessária para nós comunicar. Ela não representa o povo, no sentido da verdadeira sociedade que a gente vive, mas a imprensa pode ser uma grande arma de avanço da sociedade”, contrapõe o Sem-terra 5. “A mídia emburrece o povo, ela aliena. Os meios de comunicação, que seriam meios para informar a população brasileira de ambos os lados, não conseguem fazer isso”, sentencia o Sem-terra 9.

Quando tratam especificamente do Grupo RBS e do jornal Zero Hora os integrantes do grupo focal são taxativos em classificá-los como “instrumento de manipulação da classe dominante”, reproduzem um bordão, um grito de guerra, já tradicional nas mobilizações do MST “A gente não esquece, abaixo a RBS!” e chegam até a cogitar uma ação específica para atingir quem eles qualificaram como os “latifundiários da informação”. “Tu já imaginou uma ocupação na RBS a quantia que iria repercutir”, perguntam-se.

De acordo com o Sem-terra 9, o jornal Zero Hora só reproduz o que os “grandes” do Estado do Rio Grande do Sul querem. “Eles distorcem os fatos como eles bem querem, sempre para nos mostrar como as piores pessoas desse Estado. Para mim a pior raça que tem é essa empresa”. Para o Sem-terra 5 o que mais revolta em ZH e na RBS é a falta de transparência “[...] a falta de vergonha de um veículo de comunicação tão grandioso como esse”. Porém, segundo ele, quando a sociedade realmente “abrir os olhos e ver quem é a RBS, quem é a Zero Hora, eles vão ficar em maus lençóis”.

Fica claro, no entanto, quando tratamos da forma de relacionamento com a mídia antes e depois do ingresso no MST que para a maioria dos participantes do grupo focal houve uma mudança – primeiro de entendimento, depois na própria forma de acessar as informações junto aos órgãos de imprensa. Na maioria dos casos eles se moveram da indiferença em relação ao sistema de mídia para uma postura crítica em relação às *produções* e aos *textos* midiáticos. Podemos dizer sem exageros que passaram de uma *leitura* tendencial dominante, para uma *leitura* negociada com matizes de oposição. É evidente que nesse caso a mediação “Movimento Social” atua fortemente na mudança de postura em relação à mídia regendo a nova forma de se relacionar com os produtos informativos midiáticos.

“Do lugar de onde eu vim, da vila, não tinha muito esse contato com a mídia, a não ser com a novela. Antes informação para mim era muito pouco pela realidade que eu vivia mesmo”, esclarece o Sem-terra 3. “Quando eu estava lá fora gostava muito de televisão, de



olhar novela. Depois, no Movimento comecei a acompanhar mais as notícias, mas ainda é muito pouco”, conta a Sem-terra 6. “No acampamento estou reaprendendo a viver sem a televisão, a internet e o jornal. Estou aprendendo a escutar rádio, mas é bem complicado porque eu não tinha o hábito do rádio”, relata a Sem-terra 9.

Já as representações movimentadas em torno do MST pelos integrantes do Movimento no momento da *leitura* parecem muito distintas daquelas acionadas pelos jornalistas ao falar da organização na *produção* e também daquelas apresentadas nos *textos* do jornal Zero Hora no “Circuito das Notícias”. O Movimento é visto pelo Sem-terra 2 da seguinte forma: “[...] o MST para mim representa muito porque aqui eu arrumei uma nova vida, uma mudança de vida muito grande”. “O Movimento, além de uma nova chance de viver, também serve para o auto-reconhecimento das pessoas. Eu não tinha nem noção que eu podia voltar a sonhar em ter um futuro diferente, em ter um futuro melhor”, conta a Sem-terra 3. Para a Sem-terra 4, “[...] o MST é uma grande família onde se compreende que a luta é por uma sociedade igualitária e mais justa. Onde tu encontras amigos, tu encontras companheiros”. “Para mim o MST foi como uma luz no fundo do túnel”, diz a Sem-terra 6. “A mídia vende aquela imagem que aqui é o inferno, pelo contrário aqui é o paraíso”, rebate o Sem-terra 7.

Assim, a diferença entre o MST representado de dentro para fora (visto pelos Sem-terra) e o MST representado de fora para dentro (pelos jornalistas e nos *textos* de suas notícias) parece notável ao menos para os Sem-terra. Ingressar na luta do MST, para eles significa nascer para uma nova vida. Nesse sentido, os integrantes do grupo focal acabam por movimentar sentidos de oposição em relação à matriz representacional hegemônica ao promoverem uma *leitura* negociada de tendência resistente em relação aos *textos* veiculados por ZH em suas páginas. Dessa forma, apesar de essa matriz de representação hegemônica também ser formatada pelos discursos da mídia e do jornalismo, ela é composta de “fora para dentro” e, de acordo com os dizeres dos Sem-terra, não dá conta da representação adequada do Movimento.

Das considerações finais

No presente trabalho importou fundamentalmente observar o movimento de representações na *produção*, no *texto*, e na *leitura* – momentos onde, no “Circuito das Notícias”, todos são produtores e consumidores de discursos e onde todos operam com representações. Tais indivíduos elaboram representações para dar sentido à realidade social e os *textos*, inclusive aqueles produzidos pelo jornal Zero Hora sobre a “questão agrária”, somente vão adquirir significado mediante uma representação que lhes atribua um



determinado significado sociocultural e histórico. Isso empresta a nossa abordagem um caráter bastante discursivo, porém, constatamos nesse estudo que, estrategicamente, é o discurso quem indica o melhor caminho, a melhor forma de percorrer os meandros do “Circuito das Notícias” em suas diferentes fases.

No entanto, parece claro que esse tipo de análise só é possível, como procuramos apontar, dentro de um ambiente teórico-metodológico híbrido, onde as práticas socioculturais, como o jornalismo, possam ser tomadas e relacionadas conforme um esquema capaz de conjugar as instâncias de *produção*, do *texto*, e da *leitura*. Justamente porque elas, junto com seus diferentes elementos constituintes (produtores, textos e receptores), são determinantes na circulação dos valores simbólicos regentes da atividade e do processo de significação, configurando e/ou desenhando o processo comunicativo de maneira conveniente e em sua totalidade.

De tal modo, constatamos que trabalhar com as representações no “Circuito das Notícias” exige fôlego e muito tempo, mas, pode apontar para resultados satisfatórios já que permite compreender a dinâmica dos processos jornalísticos, a interferência de agentes internos e externos no seu fazer e o diálogo que se dá entre *produção*, *textos* e *leituras*. Acreditamos que, neste olhar global, reside a principal contribuição dessa perspectiva. A preocupação com o todo resulta em um trabalho que permite compreender o processo jornalístico. Esta não se trata, porém, de uma abordagem melhor, mas diferente, que não substitui, em hipótese alguma, as investigações que se especializam em apenas um dos momentos do processo, mas se soma a elas para jogar mais luz a essa prática.

O “Circuito das Notícias”, nessa estratégia, é vivo, multifacetado, e rico em possibilidades, porém, inegavelmente, apresenta fragilidades. Como procuramos analisar os distintos momentos do processo comunicativo em integração, temos somados aqui os limitadores encontrados pelos pesquisadores que se dedicam a cada uma delas, mais os obstáculos que se impõem por abraçarmos o todo. No entanto, esse novo ponto de vista implica também em reelaborar velhas formulações e elevar os estudos do jornalismo, quem sabe, para um novo patamar, dentro do campo da cultura e do universo de *produção* simbólica, sem nunca esquecer daquilo que realmente lhe dá vida – os seus processos.



Referências bibliográficas

- BENETTI, Márcia. Análise do discurso em jornalismo: estudos das vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia & BENETTI, Márcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 107-122.
- BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. 2ª edição. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: Um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo/ Escola Superior de Propaganda e Marketing**. V.4, n.11. São Paulo: ESPM, 2007.
- FELIPPI, Ângela C. T. **Jornalismo e identidade cultural - construção da identidade gaúcha em zero hora**. Tese: PUCRS, 2006.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.) **Representation – Cultural representation and cultural signifying practices**. Sage/ Open University: London/ Thousand Oaks/ New Delhi, 1997.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.
- JACKS, Nilda, MACHADO, Márcia B. y MÜLLER, Karla. **Hermanos pero no mucho: el periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil y Argentina**. Buenos Aires: La Crujía, 2004.
- JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. Campinas: Unicamp, 1988.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**. Campinas: Pontes, 2001.
- ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **O litígio discursivo materializado no MST: a ferida aberta na nação**. 2002. Tese. Ribeirão Preto: USP, 2002.
- SCHMEIL, Lílian. **Alquilase uma isla: turistas argentinos em Florianópolis**. Dissertação: UFSC, 1994.
- SOARES, Murilo César. **Representações e comunicação: uma relação em crise**. Revista Líbero, vol. 10, n. 20, 2007, pg. 47-56.
- STRELOW, Aline do Amaral Garcia. **Análise Global de Periódicos Jornalísticos (AGPJ): uma proposta metodológica para o estudo do jornalismo impresso**. 2007. Tese. Porto Alegre: PUCRS, 2007.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- ZERO HORA**, Porto Alegre (RS) de 12 abr. 2008 a 21 mai. 2008.